

# Divididos, professores decidem pela greve

**GDF suspende negociações e espera que adesão não atrapalhe calendário**

O tumultuado início do ano letivo da rede pública de ensino, com falta de professores em algumas cidades, ganhou mais um ingrediente. Como anunciado desde dezembro, os professores realizaram uma assembléia ontem, no Estádio Mané Garrincha. Após duas horas de discursos, às 12h15, os presentes votaram pela greve por tempo indeterminado.

A votação pela paralisação foi dividida. Embora a maioria dos professores tenha levantado cartões roxos mostrando-se favoráveis à greve, muitos posicionaram-se contra a ação. Houve até pedido de recurso da votação, mas não foi aceito pelos participantes da assembléia.

A principal reivindicação da pauta de 49 itens elaborada pelo sindicato da categoria (Sinpro) é o reajuste salarial imediato de 18%. O governo argumenta que, de acordo com o Plano de Carreira, os reajustes de março e setembro deste ano totalizarão um aumento de 17%. Para o Sinpro, entretanto, esse não pode ser considerado um aumento real, já que se trata de realinhamento de tabela. Querem, portanto, os 18% além do aumento previsto no plano.

A pauta de reivindicações exige, entre outros pontos, plano de saúde e programa de habitação, eleição direta dos diretores de escolas, aumento do auxílio-alimentação de R\$ 99 para R\$ 470.

O governo afirma que os depósitos dos atrasados foram feitos nesta e na última semana, totalizando R\$ 11 milhões. Em reunião com representantes do sindicato na véspera da assembléia, a governadora em exercício, Maria de Lourdes Abadia, mostrou-se disposta a

negociar com a categoria, mas o Sinpro alega que não houve proposta concreta.

**VESTIBULAR** - De acordo com a Polícia Militar, cerca de 4 mil pessoas estiveram na assembléia. Alunos também foram ao local - uns para apoiar os professores e outros para manifestar-se contra a paralisação. No meio da votação, um grupo de alunos gritou para que as aulas fossem mantidas, temendo que a greve prejudique o desempenho dos alunos da rede pública no vestibular.

O Sinpro acredita que a divisão dos professores na assembléia não desqualifica a greve. "Não há dúvidas sobre a aprovação da paralisação. Mas tem gente tem medo de aderir por medo do corte do ponto", reconhece Antônio Lisboa, diretor de Imprensa do sindicato. Segundo ele, hoje será feito um levantamento sobre a adesão em todas as regionais. A próxima assembléia está marcada para terça-feira.

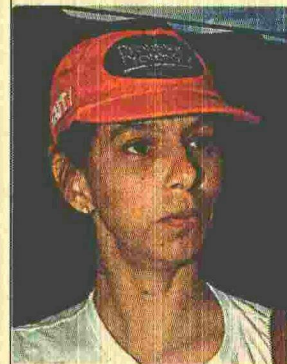
De acordo com o porta-voz do GDF, Paulo Fona, as negociações com a categoria serão interrompidas por causa da greve. O governo espera, porém, que não haja grande adesão à paralisação. Primeiro, porque acredita que a categoria está sendo bem atendida com o Plano de Carreira. Segundo, porque a participação de professores na assembléia não foi significativa. O GDF, entretanto, já tem uma estratégia definida para evitar transtornos. "Caso haja movimentação grande, o governo adotará procedimento padrão. Garantimos que nenhum aluno ficará sem aula." O governo prefere não adiantar quais serão as estratégias.



Cerca de 4 mil pessoas, segundo a PM, foram à assembléia. GDF tem 27 mil professores

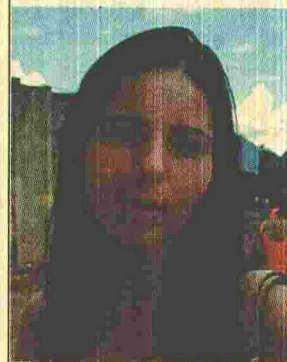
RENATO ARAÚJO

## OPINIÕES



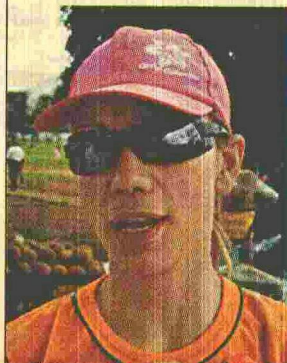
**Luana Angélica Pimentel**

Sou neutra. A greve não vai adiantar, pois este governo não atenderá às reivindicações da pauta. A greve devia ser ano que vem. Mas não vou dar aulas para apoiar a categoria.



**Léia Cristina Rodrigues**

Sou contra a greve porque a considero inconsistente e, como sempre, manipulada pelo sindicato. As exigências são além das possibilidades do GDF. Vou dar aulas.



**Karla Lillian de Lima**

Sou a favor da paralisação. Todas as reivindicações são justas. O problema é que a divisão da categoria tira a força da greve, mas acho que esta é a hora certa de parar.